



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA

LIDIANE RIBEIRO COSTA

GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA
DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA/PB

JOÃO PESSOA-PB
2018

LIDIANE RIBEIRO COSTA

**GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA
DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, *campus* I, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA-PB
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838g Costa, Lidianne Ribeiro.

Gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental na perspectiva das professoras de uma Escola Municipal de João Pessoa/PB / Lidianne Ribeiro Costa. - João Pessoa, 2018.

31 f.

Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Relações de gênero; Ensino Fundamental; Professoras.

I. Título

UFPB/BC

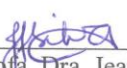
LIDIANE RIBEIRO COSTA

**GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA
DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA/PB**

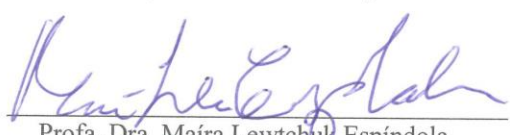
O presente trabalho foi submetido a avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 13 de 06 de 2018:


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Jeane Félix da Silva
(Orientadora – UFPB)



Prof. Dra. Máira Lewtchuk Espíndola
(Examinadora – UFPB)



Prof. Ms. Arilú Cavalcante Pequeno
(Examinadora – EEBAS/UFPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pôr ser meu guia nas horas difíceis, à minha família que sempre esteve ao meu lado. Aos amigos que acompanharam minha caminhada e aos metes que me ajudaram durante à jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e por toda fé que tenho nele. À minha mãe Margarida Ribeiro, por ter me ajudado nessa etapa e sempre estar comigo.

Aos meus professores(as) do curso de Pedagogia por terem me orientado na minha jornada enquanto universitária, foram essenciais à minha formação como profissional, em especial à minha orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva, obrigada pela confiança e paciência.

Agradeço a meu irmão Leonardo, minha tia Penha e minha cunhada Nilda. Aos meus filhos Liedson, Lauany e Laís. À Leonardo pai dos meus três filhos, que foi uma pessoa muito importante na minha trajetória.

Por fim, agradeço à todos meus amigos e amigas de turma por toda amizade e companheirismo, em especial Adriana (Drica), Natália, Edilma e Silvio pessoas lindas e especiais que sempre estiveram do meu lado quando pensei em desistir, e que hoje tenho um enorme carinho, vocês com certeza são parte dessa vitória.

“Imagine uma nova história para sua vida e acredite nela.”

Paulo Coelho

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental I no contexto escolar e conhecer quais as perspectivas que as professoras de uma escola de educação infantil e fundamental I do município de João Pessoa/PB têm sobre as discussões de gênero com seus alunos/as. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvida por meio da aplicação de um questionário com cinco professoras do Ensino Fundamental I da escola estudada. Os objetivos da pesquisa são: conhecer o que as professoras pensam e como se posicionam frente às manifestações das questões de gênero em sala de aula; mapear alguns de seus conhecimentos sobre a temática e se consideram preparadas para abordá-la em suas práticas educativas. Os resultados apontam para a falta de formação das professoras para trabalhar as questões de gênero. Apesar de sinalizarem que não existem diferenças entre meninos e meninas, elas acreditam que a abordagem dessas questões é um desafio. Assim, acredito que discutir gênero na escola é conscientizar o outro da diversidade que nos constitui, é uma discussão que deve ser reconhecida pelos/as professores/as como necessária e importante no processo formativo dos/as estudantes.

Palavras-chave: Relações de gênero; Ensino Fundamental; Professoras.

ABSTRACT

The present work aims to reflect on the gender relations in the initial years of Elementary School I in the school context and to know the perspectives that the teachers of a primary and elementary school I of the municipality of João Pessoa / PB have on the discussions with their students. This is a qualitative research of exploratory nature, developed through the application of a questionnaire with five primary school teachers I of the school studied. The objectives of the research are: to know what the teachers think and how they stand in front of the manifestations of the gender issues in the classroom; map some of their knowledge on the subject and consider themselves prepared to approach it in their educational practices. The results point to the lack of training of teachers to work on gender issues. Although they point out that there are no differences between boys and girls, they believe that addressing these issues is a challenge. Thus, I believe that discussing gender in school is to make the other aware of the diversity that constitutes us, it is a discussion that must be recognized by the teachers as necessary and important in the students' formative process.

Keywords: Gender relations; Elementary School; Teachers.

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

PCN – Parâmetros Curriculares Nacional

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 GÊNERO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: ALGUNS APONTAMENTOS	15
2.1 Um breve olhar sobre o Ensino Fundamental	16
2.2 Relações de Gênero e Ensino Fundamental I	18
3 CAMINHAR METODOLÓGICO	20
3.1 Perfil das Professoras.....	21
4 ANÁLISE DE DADOS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICES	30

1. INTRODUÇÃO

Grande parte da minha infância foi marcada por repressões por parte da minha família, amigos(as), vizinhos(as) e professores(as). Por um lado, aquilo não me incomodava, mas, por outro, me fazia pensar nas razões pelas quais essas pessoas não me deixavam ser “quem eu queria ser”. Muitas vezes, fui criticada pela escolha de minhas roupas, pelas brincadeiras vistas como de meninos, jogar bola foi um exemplo, por ter mais amigos do que amigas e por “não ser vaidosa”.

Nunca gostei de brincar de boneca! Minhas amigas da escola sempre levavam suas bonecas para brincar e eu preferia brincar com os meninos de bola de gude, futebol, pega-pega entre outras brincadeiras consideradas “coisas de menino”. Em casa, gostava de brincar com meu irmão e meus primos. Com minhas primas? Brincava muito pouco. Lembro-me das vezes que queria jogar futebol e a maioria das pessoas me dizia que isso era coisa de menino ou então quando me viam jogando futebol me chamava de “Machão”. Por isso, todo o tempo alguém me dizia: “você é menina”; “essa roupa é de menino”; “essas brincadeiras são de meninos”; “você tem que se comportar feito mocinha”; “azul é de menino”; “você tem que brincar de casinha”; “ajeita o cabelo”; “se senta direito”; “vai brincar de boneca”, etc.

Só porque as minhas escolhas eram diferentes daquilo que esperavam de mim, não significa que não era feminina. Existem várias formas de viver as masculinidades e feminilidades, e isso deve ser pensado e repensado para que seja respeitado. Felipe (2012, p. 53,54) nos diz que:

Muitos dos comportamentos atribuídos ao gênero masculino ou feminino são meras convenções sociais e, portanto, culturais. Não passam de expectativas socialmente construídas e que foram depositadas em tornos de homens e mulheres. Crianças muito pequenas brincam de qualquer coisa e com qualquer objeto que lhes pareça interessante, sem fazer distinção: isso é de menino ou isso é de menina. Os adultos é que costumam interditar as brincadeiras e brinquedos, gostos, gestos, comportamento, determinando o que deve ser de menino ou de menina, limitando assim as possibilidades e a criatividade de ambos. Em relação às brincadeiras, é impressionante o despreparo dos adultos para compreender determinadas situações.

Durante a graduação em Pedagogia, vivenciei algumas discussões realizadas em sala de aula sobre questões de gênero, em que debatíamos sobre os diferentes lugares ocupados por homens e mulheres e os diferentes valores atribuídos aquilo que é considerado masculino e feminino. Na disciplina Educação Sexual, pude ver como ocorre a distinção entre as questões ligadas a sexo, sexualidade e gênero. Ali, as discussões consistiam primeiramente na

abordagem conceitual desses termos e, posteriormente, na elaboração de propostas para o trabalho dessas questões de modo transversal.

Diante dos relatos dos(as) colegas, percebi que o que aconteceu na minha infância também aconteceu na infância de outras pessoas e que isso, infelizmente, ainda continua a acontecer com muitas crianças. A partir desse incômodo, decidi compreender como as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental trabalham as questões de gênero em suas práticas pedagógicas e se estão preparadas para discutir o tema. Com o desejo de refletir sobre essas questões, escolhi estudar este tema neste trabalho de conclusão de curso (TCC).

A relevância deste tema em um TCC no curso de Pedagogia parte do pressuposto de que é na etapa dos anos iniciais que as crianças desenvolvem suas aprendizagens de gênero, sendo assim, é importante que os professores(as) estejam preparados(as) para lidar com essas questões nas atividades educativas que desenvolvem com seus(suas) estudantes. Abordar gênero na escola é considerar que as diferenças entre meninos e meninas, homens e mulheres, não podem ser tratadas como desiguais. Infelizmente, o cenário atual no qual vivemos reproduz um meio excludente e preconceituoso, posicionando homens e mulheres em lugares desiguais, sobrando para as mulheres os espaços menos valorizados e isso afeta a vida de muita gente, principalmente das mulheres. Sendo assim, acredito que é uma discussão que deve ser reconhecida pelos(as) professores(as) como necessária e importante nos processos formativo dos alunos(as) e, desse modo, devem ser contemplados nos cursos de formação docente, com destaque para o curso de Pedagogia, o qual estou concluindo.

Optei em desenvolver o estudo no contexto do Ensino Fundamental I, por reconhecer a importância dos anos iniciais para a formação escolar de uma pessoa. Assim, quando marginalizamos assuntos como as relações de gênero, damos a abertura para uma série de violências possa se desenvolver. Por outro lado, quando você visibiliza essas questões, elas passam a fazer parte do cotidiano da formação, o que pode resultar em relações menos desiguais, o que é positivo para todas as pessoas.

Desse modo, o **objetivo geral** deste TCC é refletir sobre a percepção das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de João Pessoa sobre as relações de gênero na infância. Os **objetivos específicos** são: identificar e analisar como as professoras veem as questões de gênero na escola e conhecer quais as perspectivas que essas professoras têm sobre a abordagem das questões de gênero com seus(suas) alunos(as).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório. Para Minayo (2001, p. 6), a pesquisa qualitativa se desenvolve por meio de “técnicas que visam ser adotadas para criar

uma realidade, no entanto, aprofundando questões que não podem ser quantificadas”. Minayo, (2001, p. 6-7). nos diz que a pesquisa qualitativa se preocupa com:

[...] um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A coleta de dados foi desenvolvida por meio da aplicação de questionários com as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola estudada. A pesquisa realizada buscou, a partir dos questionários aplicados com as referidas professoras, compreender acerca de como as questões de gênero vêm sendo percebidas e tratadas no ensino fundamental no âmbito de uma escola da Rede Municipal de Educação de João Pessoa.

2 GÊNERO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: ALGUNS APONTAMENTOS

É na Educação Infantil e no Ensino Fundamental que as crianças, dentro de um ambiente escolar, têm as suas primeiras aprendizagens de gênero. A diferenciação entre meninos e meninas vem desde o início da infância, por meio das roupas, acessórios, brinquedos azuis e rosas. Em geral, os primeiros brinquedos que são dados às meninas são bonecas em vestidos cor-de-rosa, ‘conjuntinhos’ de panelas, fogões e ferros de passar roupas, fralda para trocar, maquiagens coloridas e etc., reproduzindo cada vez mais a realidade imposta de que as meninas devem ser zelosas, bem arrumadas e futuras boas donas de casa. Na escola, essa distinção é muito nítida, quando os(as) estudantes são divididos por filas de meninos e meninas, banheiros, brinquedos, etc.

As desigualdades de gênero representam uma questão diretamente ligada a educação, na medida em que os modos de ser homem e mulher, masculino e feminino são aprendidos. Para Carvalho (2000), meninos e meninas são educados e educadas sob padrões rígidos de comportamento. Para exemplificar esses padrões apontados pela autora, destaco afirmações feitas comumente por familiares e educadores(as), tais como: “menino não chora”, “menina brinca de boneca”, “meninas são comportadas”, “meninos são agitados”. Desse modo, faz-se necessário saber o papel da escola em relação aos aprendizados de gênero. Nas palavras de Louro (2008, p. 85- 86):

[...] se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade, se admitimos que a escola esteja intrinsecamente comprometida à manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

A citação de Louro mostra como a educação ainda é marcada por desigualdades. É preciso falar de gênero nas escolas. Infelizmente, essa abordagem tem sido cada vez mais rara, aparentemente porque os(as) professores(as) têm estado com medo de se pronunciar no

tocante às questões de gênero, por pressão de grupos reacionários e de projetos como o Escola sem Partido¹, que nos traz, por exemplo, como afirma Penna (2017, p. 37):

[...]o professor não poderia discutir essa realidade, ele teria que se ater à sua matéria. e nós sabemos que isso na prática é impossível, porque dialogar com a realidade do aluno é um princípio educacional estabelecido para tornar o ensino das disciplinas significativo.[...] E se essa é a definição, eu tenho dito isso e insisto aqui novamente, nós temos que problematizar o discurso deles.

Esse processo de pressão política tem disseminado concepções equivocadas sobre as questões de gênero, o que se soma ao desconhecimento das famílias sobre o tema e, dessa maneira, tem-se criado um espaço terrorista em relação aos professores e às professoras que trabalham (ou gostariam de trabalhar) a temática em sala de aula.

O uso do conceito de gênero surge a partir dos movimentos de mulheres acadêmicas feministas, que percebiam o papel da mulher como secundário. No final dos anos 1980, o termo “gênero” começou a ser utilizado pelo movimento feminista no Brasil (LOURO, 2004). Gênero, de acordo com Louro (2004, p. 80), é “a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher”. Ainda, segundo essa autora, o conceito de gênero foi “criado no contexto da luta discursiva feminista, o conceito carregou as marcas dessa luta e, por isso, foi referido fundamentalmente as mulheres” (LOURO, 2004, p. 229).

2.1 Um breve olhar sobre o Ensino Fundamental

A Escola é um importante contexto na socialização de gênero, pois é na escola que damos continuidade às aprendizagens de gênero iniciadas na família. A escola reforça lugares diferenciados para meninos e meninas, nas brincadeiras, nas filas por sexo etc. Além do seu espaço que oferece à criança um longo período de envolvimento com os(as) colegas, existe a questão das distribuições de grupos, que fazem a criança ampliar ou reduzir as diferenças de gênero. Ela ensina e reproduz lugar de menino e lugar de menina. É nesse contexto que os anos iniciais do Ensino Fundamental são vistos como espaço importante para contribuir com a redução dos estereótipos e preconceitos que internalizam as crianças desde cedo.

¹Criado em 2004, com o objetivo manifesto de “dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários”, a organização Escola sem Partido se apresenta como um “movimento” e como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”. (FRIGOTTO, p. 64).

O Ensino Fundamental é o nome dado a uma das etapas da Educação Básica no Brasil. Tem duração de nove anos, sendo a matrícula obrigatória para todas as pessoas com idade entre 6 e 14 anos. Está dividido em Ensino Fundamental I e II. A obrigatoriedade da matrícula nessa faixa etária implica a responsabilidade conjunta: da família ou responsáveis, pela matrícula das crianças; do Estado pela garantia de vagas nas escolas públicas; da sociedade, por fazer valer a própria obrigatoriedade (BRASIL, 1996).

Em 2006, o Ensino Fundamental passou por uma alteração importante, transformando-se em uma etapa da escolarização composta por 9 anos, ao invés dos 8 anos definidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (BRASIL, 1996). Essa alteração no Ensino Fundamental foi instituída pela Lei no 11.274/2006, que “institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade” (BRASIL, 2007). Com essa mudança, novos conceitos e práticas em relação às instituições escolares precisaram ser adquiridas e atualizadas. Para Saviani (2010, p.145):

O papel da escola é o de ser o ambiente adequado para que o professor possa exercer da melhor forma possível o seu papel. [...] O papel do professor é elevar os alunos do nível não elaborado, do nível do conhecimento espontâneo, de senso comum, para o nível do conhecimento científico, filosófico, capaz de compreender o mundo nas suas múltiplas relações e, portanto, passar da visão empírica, fragmentada do mundo, para uma visão concreta, articulada.

Portanto, o papel do(a) professor(a) vai além da percepção clássica de “transmitir conhecimentos”, ele(a) passa pela formação humana e por ensinar, entre outras coisas, a viver e conviver em diversidade. Assim, professores e professoras do Ensino Fundamental I estão tendo que lidar com discussões atuais cada vez mais frequentes na sociedade e que devem ser discutidas na escola, entre elas: as relações de gênero. Quando o(a) professor(a) traz a discussão de gênero para sala de aula, ele(a) faz com que os(as) alunos(as) pensem a respeito e percebam que há diferentes formas de se expressar no mundo. Não se trata de dar aulas sobre gênero, mas de mostrar, cotidianamente, por meio de situações concretas que meninos e meninas, homens e mulheres, podem ocupar os mesmos espaços sociais, possuem os mesmos direitos e as mesmas capacidades. Desse modo, não podemos aceitar, como profissionais da educação, ver situações de desrespeito e desigualdade de gênero passarem despercebidas. Infelizmente, as crianças, muitas vezes, aprendem sobre desigualdades e preconceitos em suas próprias famílias. Por isso, a escola deve ser um espaço para ensinar sobre diversidade.

Dessa forma, os(as) professores(as) são sempre referências nas aprendizagens, seja pela abordagem do tema seja pela sua invisibilidade. Louro (1997, p.57) argumenta que a escola defende a desigualdade:

Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

2.2 Relações de Gênero e Ensino Fundamental I

Atualmente, passamos em nosso país por vários retrocessos ligados aos segmentos sociais. Partindo desse pressuposto é extremamente importante problematizar como vem sendo representada a concepção de relações de gênero em um momento que o conservadorismo vem ganhando espaço.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, segundo o Ministério da Educação, é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”². Trata-se, pois, de um documento orientador para a construção dos currículos escolares em todo o território nacional, tanto nas escolas públicas quanto particulares.

No documento da BNCC as questões de gênero aparecem nos três seguimentos da educação básica, porém, em algumas disciplinas nem sequer cita-se o termo gênero. No documento, as relações de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental aparecem na disciplina de religião, com Unidade temática “identidades e alteridades” e tem como habilidades “identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e nós”. Associar gênero e religião pode ser um caminho perigoso, pois a possibilidade de tratar gênero dentro dos padrões tradicionais vinculados a homens e mulheres. Em relação aos direitos de aprendizagem, a BNCC (2013) diz:

As crianças, adolescentes, jovens e adultos, sujeitos da Educação Básica, têm direito: ao respeito e ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 2013, p. 34).

² Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> >. Acesso em 02 Jun. 2018.

Em relação a abordagem das questões de gênero na escola, estamos vivendo um momento neoconservador. De acordo com Apple (2011, p. 91), o neoconservadorismo é orientado por um Estado preocupado com gerações futuras, que possam vir a perpetuar “valores falidos” “pessoas de cor e mulheres que se recusam a aceitar o controle alheio sobre suas vidas e corpos, gays e lésbicas”, por exemplo, são populações controladas por políticas neoconservadoras. Um desses processos neoconservadores é a retirada das questões de gênero e diversidade sexual do Plano Nacional de Educação em vigor.

Diante das problematizações que são levantadas ao longo das décadas no contexto curricular, no âmbito dos estudos de gênero e multiculturalistas, existe uma carência as questões ligadas a gênero, nos levando a imaginar que apesar da participação dos movimentos sociais, os temas da diversidade, vêm perdendo espaço no trato da discussão política e dos documentos normativos (SILVA, 2011).

3 CAMINHAR METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de João Pessoa-PB, cujo nome foi preservado por questões éticas. A pesquisa foi realizada com as cinco professoras dos anos iniciais, que atuam no turno da manhã (cabe indicar que, na escola estudada, esse nível de escolaridade é ofertado apenas no turno da manhã). Cheguei na Escola no turno da manhã, pedi para o porteiro chamar a Diretora e logo ela me atendeu. A ela, expliquei o motivo da visita: que era aluna de Pedagogia da UFPB e que estava fazendo uma pesquisa para meu TCC. Ela permitiu que eu conversasse com as professoras, caso eles concordassem em participar da pesquisa, estaria tudo bem. A ideia inicial era conseguir conversar com todas elas em um só dia, mas isso não aconteceu, pois algumas se recusaram a participar, alegando estarem muito ocupadas no momento.

O instrumento de coleta de dados foi o questionário, que pode ser definido, conforme Gil (2008), como uma técnica de investigação social com questões aplicadas à uma pessoa, com o objetivo de coletar informações, como conhecimentos, expectativas ou interesses. Dessa forma, foi elaborado um questionário estruturado com 6 (seis) perguntas sobre os temas da pesquisa. O roteiro do questionário está descrito a seguir:

- 1) Para você, há diferenças entre meninos e meninas? Se sim, quais?
- 2) Você percebe comportamentos diferentes entre seus alunos e suas alunas? Quais?
- 3) Como se dão as brincadeiras entre os seus alunos e alunas?
- 4) Você acha que meninos e meninas devem ser tratados de modo diferente na escola? Fale mais sobre isso.
- 5) Você já ouviu falar em gênero? Sabe o que significa? Acha importante que as questões de gênero sejam trabalhadas nas escolas?
- 6) Você se sente preparada para trabalhar questões de gênero na escola? Explique.

Às professoras, apresentei o tema e os objetivos da pesquisa e expliquei como seria a aplicação dos questionários, mostrei as perguntas e informei que a identidade de todas seria preservadas. Ainda assim, duas professoras(Nadja e Juliana) sugeriram responder os questionários em casa e trazer em um outro dia. Senti um desconforto da parte dessas duas professoras para responder no momento em que solicitei, acredito que elas ficaram

incomodadas com o tema. Mesmo assim, todas as cinco professoras participaram da pesquisa. Na semana seguinte, recolhi os questionários que faltavam e agradei a participação de todas.

3.1 Perfil das Professoras

O quadro a seguir apresenta a caracterização das participantes da pesquisa. Como já informei, trata-se de cinco professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de João Pessoa/PB. Seguindo procedimentos de ética da pesquisa, optei por preservar a identidade das informantes denominando as professoras como Margarete, Ângela, Nadja, Juliana e Karla, todos nomes fictícios. Cabe informar que as respostas dadas pelas professoras aos questionários foram fielmente transcritas e serão apresentadas no próximo capítulo.

Quadro 1: Caracterização das Professoras

Caracterização das Professoras				
Professoras	Idade	Formação	Tempo de atuação	Formação no tema
Margarete	40	Psicopedagogia	7 anos	Nenhuma
Ângela	46	Pedagogia	22 anos	Nenhuma
Nadja	42	Pedagogia	5 anos	Nenhuma
Juliana	33	Pedagogia	6 anos	Nenhuma
Karla	44	Pedagogia	20 anos	Nenhuma

Pelo quadro de caracterização, é possível observar que das são professoras experientes, três delas entre cinco e sete anos de atuação e duas com mais de duas décadas de atuação docente. Quatro professoras são formadas em pedagogia e uma em psicopedagogia (que não é um curso de formação docente e, sim, um bacharelado que forma profissionais de Educação, não docentes). Outro detalhe que chama atenção na caracterização das professoras é que nenhuma delas passou por formação na área de gênero, o que indica um despreparo dessas profissionais para abordarem o tema em suas práticas educativas. A atuação e as percepções dessas professoras sobre as questões de gênero são apresentadas no próximo capítulo.

4 ANÁLISE DE DADOS

Como disse anteriormente, falar sobre relações de gênero nos anos iniciais é saber que existem muitas lacunas a serem preenchidas em relação a falta de conhecimento e formação dos(as) professores(as) frente ao tema. Nenhuma das cinco professoras integrante desta pesquisa participou de algum tipo de formação sobre o tema, o que confirma essa lacuna em suas formações. Infelizmente, a própria escola ou sala de aula que deveriam proporcionar vivências que possibilitem convivência harmoniosa entre pessoas de gêneros diferentes, acabam por diferenciá-los ainda mais.

A primeira pergunta que foi feita as professoras foi a seguinte: Para você, há diferenças entre meninos e meninas? Se sim, quais?

“Não. Alunos são iguais na sala, independente do sexo”. (Margarete).

“Não”. (Ângela).

“Sim. Há diferenças biológicas, sociais e culturais, as quais diferenciam esses dois gêneros”. (Nadja).

“Sim, além das diferenças físicas, cada um tem características diferentes, seus modos, seus comportamentos, atitudes e etc...”. (Juliana).

“Para mim não”. (Karla).

Como é possível perceber, não há um consenso entre as professoras no que diz respeito às diferenças entre meninos e meninas. Três das cinco professoras acreditam que não há diferença entre meninos e meninas. Aquelas que acreditam que existem diferenças partem de “diferenças biológicas, sociais e culturais”. Observando a resposta da primeira professora, vejo que ela está falando mais de uma questão avaliativa em relação à aprendizagem, ao apontar que “alunos são iguais na sala”. E fora, eles seriam diferentes? As diferenças biológicas existem, não apenas entre meninos e meninas, mas entre todas as crianças (diferenças no tamanho, no corpo, no tom da pele etc.), mas elas não podem ser transformadas em desigualdade. Por isso, é importante que o(a) professor(a) propicie a todos(as) os(as) alunos(as) a possibilidade de participar de brincadeiras de “faz de conta”, nas quais a criança escolhe o quê e como quer ser. Não devemos reforçar nem propor competições ou divisões de tarefas entre as crianças, especialmente entre meninos e meninas.

Aos serem perguntadas se percebem comportamentos diferentes entre seus alunos e suas alunas e, neste caso, quais seriam, as professoras responderam:

“Não. Nos dias atuais as meninas apresentam comportamentos semelhante aos meninos”. (Margarete).

“Não”. (Ângela).

“Considerando o aspecto cultural percebo diferença em brinquedos e brincadeiras. Contudo, percebemos momentos que alunos e alunas compartilham da mesma brincadeira, que não sejam estereotipadas”. (Nadja).

“Sim, forma de se expressar, de agir, as opiniões e etc”. (Juliana).

“Não, a maioria brinca das mesmas coisas”. (Karla).

A maioria das professoras compartilham do mesmo pensamento. Para duas delas, o que diferenciam as crianças são as opiniões e brincadeiras e não as diferenças de gênero. Quando a professora Margarete diz: “nos dias atuais”, acredito que isso seja um bom reflexo do que já se vem discutindo sobre gênero, ou seja, as meninas vão percebendo que podem ocupar os diferentes espaços sociais, na medida em que as mulheres adultas têm ocupado esses espaços, uma delas, inclusive, chegando à Presidência da República.

Em relação à terceira questão, qual seja: Como se dão as brincadeiras entre os seus alunos e alunas?, as professoras disseram:

“Na maioria das vezes, brincam juntos no recreio”. (Margarete).

“De forma livre, respeitando as individualidades de cada um”. (Ângela).

“Comumente há uma divisão por faixa etária, onde há crianças que trazem brinquedos e juntas brincam (meninas com suas bonecas e meninos com carros, bonecos). Já outros grupos brincam de corre-corre, pega-pega, bola. Porém, compreendendo que o brincar juntos compartilhando brinquedos e brincadeiras é um momento de aprendizado para ambos os gêneros”. (Nadja).

“Eles criam as suas brincadeiras favoritas formando seus grupos preferenciais, meninos com meninos, meninas com meninas, meninos e meninas juntos, assim eles se divertem interagindo uns com os outros”. (Juliana).

“Eles brincam todos juntos”. (Karla).

De acordo com as respostas, é possível perceber que as crianças brincam livremente entre si, compartilhando brinquedos e brincadeiras, dividindo os espaços. Todavia, em termos gerais, aos meninos e às meninas são apresentados brinquedos e brincadeiras diferentes, espera-se deles e delas comportamentos diferentes e a escola têm reproduzido isso. Os antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram importantes documentos orientadores da abordagem das questões de gênero nas escolas. Os PCNs indicavam que:

A rigor, pode-se trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar. Elas se apresentam de forma nítida nas 12 relações entre alunos e nas brincadeiras diretamente ligadas a sexualidade. Também estão presentes nas demais brincadeiras, no modo de realizar as tarefas escolares, a organização do material de estudo, enfim, nos comportamentos diferenciados de meninos e meninas. Nessas situações, o professor, estando atento, pode intervir de modo a combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero. (BRASIL, 2000, p.145).

Nesse contexto, é importante destacar que abordar gênero na escola com crianças não significa dar aula sobre gênero, mas utilizar as situações cotidianas para ensinar as crianças, por exemplo, sobre igualdade entre meninos e meninas, homens e mulheres. Os(as) profissionais da educação precisam compreender que não haverá uma sociedade justa enquanto homens e mulheres forem tratados de formas desiguais.

A quarta pergunta foi a seguinte: “Você acha que os meninos e meninas devem ser tratados de modo diferente na escola? Fale mais sobre isso”. Para essa questão, as professoras responderam:

“Não, toda atividade proposta mostramos que todos são capazes de realizar. Não existe diferenças por ser homem ou mulher”.
(Margarete).

“Não. São seres que devem ser respeitados independentes do que são”. (Ângela).

“Cada sujeito deve receber atendimento singular, segundo necessidade e realidade. Quanto ao tratamento meninos e meninas, devemos respeitar suas características biológicas, porem garantindo mesmos direitos e deveres sociais e culturais onde a igualdade seja preservada”. (Nadja).

“Não, nem sempre, depende do assunto, ao ser tratado, cada caso requer um tipo de cuidado”. (Juliana).

“Acredito que não, todos são iguais ao meu ver”.
(Karla).

A maioria das professoras participantes desta pesquisa acredita que meninos e meninas não devem ser tratados de formas diferentes, porém que em algumas situações a questão biológica deve ser respeitada. Em outras palavras quer dizer que mesmo sinalizando que não percebem diferenças entre meninos e meninas, essas professoras partem de uma matriz biológica que atribui ao masculino e ao feminino posições e expectativas sociais diferentes. Todavia, acredito que as escolas devem ser espaços para trabalhar com a diversidade. Uma escola aberta às diversidades é aquela em que todos e todas se sentem respeitados(as) de acordo com suas diferenças, que não excluem ou categorizam os(as) alunos(as). A esse respeito, Vianna e Finco (2015, p. 271) afirmam:

O direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados.

A penúltima questão tratava do conhecimento que as professoras têm acerca do conceito de gênero: Você já ouviu falar em gênero? Sabe o que significa? Acha importante que as questões de gênero sejam trabalhadas nas escolas? Em resposta a essas questões, disseram as professoras:

“Já ouvi falar, mas as questões ainda precisam estar mais claras, muitas vezes fazemos confusão com esse assunto. Ainda não me sinto preparada para trabalhar em sala com essa questão”. (Margarete).

“Sim. Sim. Desde que o trabalho não seja tendencioso, sim”.
(Ângela).

“Sim. Categoria social, onde o sujeito distingue o masculino e o feminino. É de suma importância trabalharmos essa temática, suprimindo, possíveis preconceitos que venha hierarquizar relações entre homem e mulher, desmistificando ideias, comportamentos e estereótipos”. (Nadja).

“Sim. Acho que sempre que for necessário devemos falar sim, esclarecer dúvidas sempre que surgi, mas com muita segurança”. (Juliana).

“Já sim, durante meu curso ouvi falar, mas dificilmente falamos na Escola”. (Karla).

Todas as professoras afirmaram já terem ouvido falar sobre o que seria gênero, mas não responderam de um modo mais conceitual o que compreendem por esse termo, o que faz sentido na medida em que nenhuma delas participou de processos formativos sobre o tema. A exceção foi a professora Nadja, que apresentou um conhecimento mais conceitual sobre o termo.

Todas as professoras afirmaram concordar que é importante trabalhar as questões de gênero em sala de aula. Nos chama atenção a fala de Ângela, que concorda desde que a atividade “não seja tendenciosa”. Ora, o que seria uma abordagem tendenciosa das questões de gênero? Como a professora não explorou essa questão, não temos como saber o que ela quis dizer ali, contudo, me ocorre pensar que a professora possa estar fazendo uma certa confusão entre gênero e sexualidade, que é a percepção do senso comum de que a abordagem das questões de gênero na escola seriam para incentivar a sexualidade precoce entre as crianças, perspectiva combatida pelos(as) profissionais que defendem o trabalho com questões de gênero na escola

Acredito que quando um(a) professor(a) traz a discussão de gênero para sala de aula, ele faz com que os(as) alunos(as) pensem a respeito das diferenças de oportunidades entre homens e mulheres e na igualdade de direito entre ambos os sexos.

É possível perceber que as professoras acham importante trabalhar o tema, mas devemos questionar: por que elas não trabalham o tema em sala de aula? O que falta?. Uma suspeita que tenho, a partir dos textos estudados, é que as professoras não se sintam preparadas para abordarem essas questões e por não quererem se envolver na discussão de “temas polêmicos”. Por isso, falar sobre as relações de gênero é tão importante. Essas questões precisam ser incorporadas de modo mais intensos nos cursos de formação docente.

A última pergunta feita às professoras foi a seguinte: Você se sente preparada para trabalhar questões de gênero na Escola? Explique.

“Não. Precisamos de mais informações, e outras vezes essas questões não condizem com o que acreditamos”. (Margarete).

“Não”.(Ângela).

“Me sinto preparada para trabalhar questões de gênero, relacionados a questões culturais, cotidianas e do mundo de trabalho, principalmente as atividades que reforcem a divisão do trabalho de forma igual para os dois gêneros, de modo que não há supremacia de um gênero em detrimento ao outro”. (Nadja).

“Não, ainda há muito o que aprender, as vezes me sinto por fora do assunto, mas sei que a cada dia precisamos nos preparar mais sobre o tema”.(Juliana).

“Não, é um assunto que não tenho domínio”. (Karla).

Apenas uma professora sentiu-se apta para trabalhar as questões de gênero, coincidentemente, a mesma professora que disse, em resposta a outra pergunta, que essas questões não podiam ser abordadas de modo “tendencioso”. A falta de formação específica para preparar as professoras para lidarem com as questões de gênero é um desafio que precisa ser enfrentado pelos cursos de formação docente. No âmbito do Curso de Pedagogia do Campus I, da UFPB, em sua atual matriz curricular, as questões de gênero devem ser abordadas nas disciplinas Educação Sexual e Educação e Diversidade Cultural, contudo, penso que é incipiente a abordagem de um tema tão importante em apenas dois componentes curriculares. Penso que as questões de gênero devem ser abordadas em todo o currículo, de modo transversal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, é possível observar a grande necessidade de discutir o tema gênero com os(as) profissionais da educação. Durante boa parte da minha trajetória acadêmica, desde o momento em que comecei a me familiarizar com as discussões sobre gênero, pude perceber o quanto o(a) Pedagogo(a) ainda tem uma concepção de gênero baseada no senso comum que é fortemente ligada às suas crenças, valores, concepções religiosas etc. É preciso que essas questões sejam amplamente discutidas nos cursos de formação docente.

Durante a aplicação dos questionários, percebi o desconforto por parte de algumas professoras em responder às questões no momento solicitado, acredito que elas não esperavam que as perguntas estavam ligadas as questões de gênero, ainda assim foram bastante solícitas em responder.

Pretendi com essa argumentação de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental fomentar a problematização sobre o tema, gostaria que as diferentes temáticas em relação a gênero fossem trabalhadas nas diversas ações pedagógicas. Este trabalho mostrou que além da importância de discutir gênero nos anos iniciais do ensino fundamental com os(as) alunos(as), é importante que essas questões sejam trabalhadas também com os(as) profissionais da educação. O(A) professor(a) precisa ter consciência da importância de valorizar a diversidade como parte importante da promoção de uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). **Currículo Cultura e Sociedade**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 71-106.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein>>. Acesso em 02 Jun. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: documento preliminar**. Disponível em: [http:// 12 basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf](http://12.basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf). Acesso em 20 Mar. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.S

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

FELIPE, Jane. Sexualidade na Infância: dilemas da formação docente. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org). **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande: UFMS, 2012.

GIL, Antônio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PENNA, F. **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira / organizador Gaudêncio Frigotto**. Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2017.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cad. Pagu, Campinas, n. 33, Dez. 2009 . Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010> . Acesso em 05 Dez. 2017.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre Gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental na perspectiva das professoras de uma Escola Municipal de João Pessoa/PB e está sendo desenvolvida por Lidiane Ribeiro Costa, a estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - Campus I, sob matrícula 11223895, e tem orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva.

A pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem por objetivos Refletir sobre as relações de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Solicitamos a sua colaboração para que participe da coleta de dados da referida pesquisa, respondendo a um questionário semiestruturado, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação e afins e publicar em revistas científicas e outros meios de divulgação acadêmica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa – PB, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Curso de Pedagogia

SÍNTESE DO PROJETO DE PESQUISA

Aluna: Lidiane Ribeiro Costa

Temática:

- **RELAÇÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA:** O olhar das professoras de uma escola de João Pessoa

Justificativa:

- Na educação, a discussão sobre gênero, muitas vezes por desconhecimento, é uma temática associada aos preconceitos. Dessa forma, é necessário trabalhar esse tema em sala de aula e enfatizar a importância dessa temática na formação das professoras em todos os níveis da educação básica, particularmente, daquelas que atuam nos anos iniciais da educação fundamental.

Objetivo Geral:

- Refletir sobre a percepção das professoras da educação fundamental sobre as questões de gênero na infância

Questionário:

Identificação

Idade:

Formação:

Tempo de atuação:

Participou de alguma formação sobre o tema: Se sim, quais?

- 1) Para você, há diferenças entre meninos e meninas? Se sim, quais?
- 2) Você percebe comportamentos diferentes entre seus alunos e suas alunas? Quais?
- 3) Como se dão as brincadeiras entre os seus alunos e alunas?
- 4) Você acha que meninos e meninas devem ser tratados de modo diferente na escola? Fale mais sobre isso.
- 5) Você já ouviu falar em gênero? Sabe o que significa? Acha importante que as questões de gênero sejam trabalhadas nas escolas?
- 6) Você se sente preparada para trabalhar questões de gênero na escola? Explique.